



Evento: XXII Jornada de Extensão

AUTORIDADE: DESAFIOS EVIDENCIADOS NO CIBERESPAÇO¹

AUTHORITY: CHALLENGES EVIDENCED IN CYBERSPACE

Gian Eligio Soliman Ruschel², Sirlei Rigodanzo³, Franciele da Silva dos Anjos Strohhecker⁴

¹ Resultado de leituras e discussões desenvolvidas junto ao Grupo de Estudos Ágora: interfaces entre Filosofia, Educação e Psicanálise, vinculado à Linha 2 do PPG em Educação nas Ciências da Unijuí e coordenado pela professora Dra. Vânia Lisa Fischer Cossetin.

² Estudante do curso de Doutorado em Educação nas Ciências da Unijuí. Bolsista CAPES/PROSUC.

³ Estudante do curso de Doutorado em Educação nas Ciências da Unijuí (PPGEC).

⁴ Estudante do curso de Doutorado em Educação nas Ciências da Unijuí. Bolsista CAPES.

RESUMO

Partindo do conceito de autoridade em Hannah Arendt nos propomos a compreender algumas questões relativas ao ciberespaço como a relação entre desejo e norma, na visão de Bernard Charlot e as condições básicas para que haja educação e continuidade do mundo humano.

Palavras-chave: ciberespaço. autoridade. desejo. norma. educação

INTRODUÇÃO

O universo atual, conectado em rede, com suas nuances de fluidez e velocidade, que alcança todas as esferas da vida, nos desafia a pensar os desdobramentos dessa sociedade digital para a educação. A partir da recuperação da noção arendtiana de autoridade – conceito em crise exponencial desde a modernidade – buscaremos tensionar os possíveis sentidos que o ciberespaço parece vir “transferindo” para a relação pedagógica. O espraiamento do ciberespaço parece ter acentuado ainda mais a crise da autoridade, criando um tempo/espaço de satisfação imediata do desejo, ocupando lugar central na vida dos sujeitos (usuários).

Disso deriva as dificuldades “transportadas” ao desenvolvimento dos processos de aprendizagem, sobretudo a partir do comprometimento da relação pedagógica – da dificuldade em estabelecê-la dado o núcleo dessa relação que parece subsumir-se no ciberespaço. Concebemos aqui, como núcleo dessa relação, o desejo manifesto pelo professor em apresentar o mundo às novas gerações, para que dele possam fazer parte, renovando-o, desejo expresso pela autoridade de quem veio antes, e mesmo da tradição.

Nos perguntamos se nesse tempo quase soberanamente tomado/destinado ao ciberespaço, sobra tempo para que o interesse pelo mundo humano comum seja criado, visto



que a autoridade, a tradição e a conservação, parecem abolidas das relações pedagógicas. À primeira vista nos parece haver no ciberespaço certa dificuldade de criar esse tipo de interesse, bem como de estabelecer condições para a autoridade numa perspectiva ética – de se comprometer com o alargamento dos sentidos e existências dos sujeitos, possibilitando com que se engajem em projetos que vão além da sua individualidade.

METODOLOGIA

Para a construção do presente trabalho nos inspiramos na hermenêutica filosófica de Hans-Georg Gadamer (2015) como modo de compreensão da tradição, sustentada pelo diálogo vivo entre interlocutores. Partiremos da noção de autoridade em Hannah Arendt para analisar o ciberespaço e as relações entre norma e desejo, e educação. Trata-se de abrir espaço para a compreensão do já pensado e dito sobre as questões que aqui nos propomos estudar, no esforço de vislumbrar nelas e a partir delas caminhos possíveis e plausíveis para o desafio contemporâneo da autoridade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao nos debruçarmos sobre o mundo social – ética e política – e sobre a educação, evidenciamos o conceito de autoridade em Hannah Arendt (2016). Pensar o tema da autoridade nessa perspectiva nos ajuda a pensar a educação, e seu papel frente a sociedade, a política e a formação de sujeitos, visto que há nesse conceito um elemento potencial de reflexão acerca da política, da escola e da educação no geral, no sentido de apresentar o mundo às novas gerações.

Tendo em vista muitos equívocos acerca da autoridade, vale lembrar que, segundo Arendt (2016, p. 129), ela está “tanto em contraposição à coerção pela força como à persuasão através de argumentos”. Onde a força é utilizada não se tem autoridade de fato, e nas relações em que se institui a ordem igualitária, pressuposto para a persuasão que necessita de argumentos, tampouco. Portanto, autoridade não é autoritarismo, tirania ou totalitarismo.

Autoridade é entendida como uma condição básica entre o passado e o futuro, de significativa importância para a preservação e continuidade de mundo, bem como para a tradição como fio condutor que nos guiou como humanidade pelo passado até o presente (ARENDR, 2016). Preservação, ou conservação, palavras abolidas de muitos discursos pedagógicos, residem na essência da ideia de educar, e a autoridade é fundamental para que



isso seja possível. Educamos, portanto, por uma intencionalidade de conservar e preservar o mundo, bem como pela responsabilidade pelo mesmo, seja pela construção, seja por sua continuidade.

Em Arendt (2016, p. 128), a autoridade pode ser vista como uma necessidade, natural ou política de “[...] continuidade de uma civilização estabelecida que somente pode ser garantida se os que são recém-chegados por nascimento forem guiados através de um mundo preestabelecido no qual nasceram como estrangeiros”. Professores, ou mesmo adultos, ao apresentarem esse mundo às novas gerações se colocam como responsáveis pela continuidade do mesmo e pela construção constante de mundo comum – ou, ao menos, é assim que deveriam se colocar, como sugere a autora.

Diante do reconhecimento da autoridade como condição para a educabilidade, a questão que nos interpela diz de como exercer autoridade, ou como ela ainda pode ser plausível de reconhecimento diante da vida em rede, ou do ciberespaço. Escolhemos aqui pensar a autoridade a partir desse fenômeno global que tem transformado – nos parece que em excesso – as relações humanas, dentre outras tantas transformações no âmbito da política, da economia, da cultura como um todo, bem como tem intensificado a chamada crise da autoridade.

O ciberespaço, segundo Levy (1999, p. 92), é o “espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”, considerada “uma plataforma de uma nova realidade humana, síntese das relações homem-máquina, homem-homem, cuja acronia e atopia ampliam os limites de possibilidades do homem, tanto às informações e comunicações quanto à sua criatividade” (SILVA, TEIXEIRA, FREITAS, 2015, p. 178). Ligada a essa concepção, surge também a de cibercultura que, na visão de Lévy, é uma forma de expressão da mutação que sofre a essência da cultura, portanto, uma nova forma potencializada de cultura humana. Com esse novo potencial comunicativo do ciberespaço – comunicação globalizada – a ideia de humanidade estaria adquirindo uma nova forma de realidade. Assim, na concepção de Lévy, poderíamos dizer que “outra maneira de presença virtual para si mesmo do humano está acontecendo” (CHARLOT, 2020, p. 113).

No entanto, aquela cibercultura imaginada por alguns autores, como espaço de diversidade e amplo diálogo dentro de uma nova perspectiva de universalidade, parece não ter se concretizado. Na visão de Charlot (2020, p. 124), o ciberespaço “não pode ser o lugar da cibercultura de liberdade, igualdade, criatividade, encontro do outro e de sua diferença sonhada



por Lévy e outros autores”, pois, sendo um espaço sem regulação entre desejo e norma, é também um espaço sem pedagogia, já que a pedagogia em Charlot (2020) vem a ser essa regulação.

Nesse contexto, o ciberespaço é um espaço de fluxo constante dos desejos humanos, que se encontram uns com os outros, porém sem normatividade. Para Charlot (2020, p. 118), “esse espaço de circulação do desejo se pretende sem normas: qualquer norma é considerada como censura” e, nesse sentido, precisamos compreender um pouco mais esse espaço antes de afirmá-lo como a base de uma nova cultura humana. Portanto, “que uma cibercultura anuncia uma humanidade nova e melhorada é eminentemente questionável” (CHARLOT, 2020, p. 125). Na abordagem de Charlot (2020, p. 107) a educação também teve seus espaços modificados pela dinâmica fluídica da rede, já que a web modificou “radicalmente as condições de produção, difusão e transmissão, recepção e aprendizagem de informações”. Conseqüentemente esse impacto produziu “sensíveis transformações, talvez rupturas, em situações pedagógicas” (CHARLOT, 2020, p. 107), bem como parece intensificar a crise da autoridade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que seja o caso de pensar o alcance formativo, portanto, indispensável da autoridade, diante dos desafios postos pelo ciberespaço. Partimos do entendimento de que o sujeito contemporâneo tem estruturado sua vida de modo muito semelhante às relações que acontecem no ciberespaço, e isso impacta em todas as esferas da vida humana. Esse espaço, destituído de norma, portanto não pedagógico, tem transformado as relações educacionais em todos os níveis de ensino.

O fenômeno que imaginamos ser o mais sério advindo da experiência em ciberespaço, diz das relações artificiais, líquidas, nascidas nesse espaço, de uma “conexão” mais assentada no narcisismo dos sujeitos do que no desejo de alteridade. Os afetos nascidos desse espaço, supomos, são desprovidos de algo que consideramos indispensável ao fortalecimento das relações e criação de vínculos, que é a entrega à presença alheia, o reconhecimento e preservação daquele que está à nossa frente. E é aqui que a relação pedagógica, que depende da



autoridade, nos convoca. Sobretudo se reconhecermos a dimensão ética¹ enraizada na noção de autoridade.

Se a autoridade é, ainda, a base onde se sustenta o desejo de preservação de algo, no caso da educação, da preservação de valores que os adultos consideram indispensáveis para a vida compartilhada, como ela pode ser possível em meio a um mundo com relações afetivas cada vez mais fragilizadas? Como seria possível num mundo no qual importa muito pouco aquilo que o outro é? O percurso até aqui trilhado não nos permite responder a todas essas questões, mas nos indica que a autoridade, sobretudo a noção arendtiana, é significativamente potente para pensarmos a educação nos dias de hoje. Porque a “autoridade só emerge como fruto de uma relação: ela se dá nesse espaço entre-os-homens [...]” e “[...] só se institui pelo reconhecimento de sua legitimidade” (CARVALHO, 2017, p. 60). Algo, portanto, que somente um espaço pedagógico², regido pela norma, pode criar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Tradução de Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2016.

CHARLOT, Bernard. **Educação ou barbárie? Uma escolha para a sociedade contemporânea**. Tradução de Sandra Pina. São Paulo: Cortez, 2020.

CARVALHO, José Sérgio Fonseca de. **Educação, uma herança sem testamento: diálogos com o pensamento de Hannah Arendt**. São Paulo: Perspectiva, 2017.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método I**. Petrópolis/RJ: Vozes. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2015.

HONORÉ, Carl. **Devagar: como um movimento mundial está desafiando o culto da velocidade**. Tradução de Clóvis Marques. 8 ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

Lévy, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 34 ed. São Paulo: 1999.

SILVA, Taziane Mara da; TEIXEIRA, Talita de Oliveira; FREITAS, Sylvia Mara Pires de. **Ciberespaço: uma nova configuração do ser no mundo**. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p. 176-196 abr. 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v21n1/v21n1a12.pdf>. Acessado em 21 jul 2021.

¹ Ética aqui como modo de ser especificamente humano e que decorre da nossa necessidade de nos vincularmos.

² Todos os espaços, sejam públicos ou privados, onde se assume com alguma intencionalidade a educação das novas gerações.